

Formação Cristã na Arquidiocese

No quarto aniversário da minha tomada de posse, 18 de Julho, sinto de regressar à Formação como prioridade assumida. Neste pequeno texto estão elaborados alguns princípios para concluir que a urgência da Evangelização se concretiza em todas as idades e que todas as iniciativas ou itinerários formativos devem ser acompanhados duma contínua pedagogia vocacional.

Na verdade, a cultura vocacional impõe-se como a opção inerente a todos os sectores pastorais.

Introdução

A organização diocesana da catequese está a cargo do Bispo que nomeia alguém para coordenar esse serviço, e que o realiza em profunda união com ele. É deste ponto de partida que percebemos a organização e coordenação de toda a acção catequética diocesana. O Departamento Diocesano da Catequese deve ter como prioridades: a formação dos agentes de pastoral catequética, a elaboração de itinerários que respondam às reais necessidades, fomentar a promoção dos vários lugares catequéticos. Isto tendo sempre como base o conceito de catequese que a Igreja hoje preconiza (catequese de iniciação cristã).

Para realizar a sua missão, parece ser melhor que o Departamento esteja integrado no Secretariado Diocesano da Educação Cristã, juntamente com os responsáveis pela EMRC, Escolas católicas, Juventude e pastoral vocacional. Esta opção deve-se ao facto de que os destinatários são muitas vezes os mesmos como é o caso de catequese de infância e adolescência e alunos de EMRC, e também para haver uma continuidade real no processo educativo da fé, até chegar à idade adulta. Assim, desde a infância até ao fim da juventude o cristão teria possibilidades pastorais unificadas, coerentes e progressivas. A nível formativo também se pode agilizar muito, ao formar os catequistas para as diversas necessidades, animadores de pastoral juvenil e agentes de pastoral em geral, na linha do que propões o Documento *Formação permanente de Sacerdotes e Leigos*.

1.1. Catequese como descoberta da fé

O Departamento Diocesano da Catequese deverá ser o pólo com capacidade de pôr as bases do edifício da fé. A educação pode ser entendida como um descobrir aquilo que já está posto. Neste caso, seria levar a que esta pessoa em concreto (criança, adolescente, jovem ou adulto) descubra o mistério que a habita, para responder (fé). Mas também pode ser entendida como educação básica de fé, ou seja estruturação dum pensamento, de uma mentalidade e de um estilo de vida evangélicos.

1.2. Opção pela Formação de Agentes

A prossecução dos objectivos comuns à iniciação cristã depende da qualidade dos agentes formadores ou catequistas. Dai que sua formação é a prioridade fundamental que deve ser encarada nos seus locais e, se possível, nas comunidades de referência.

Daqui a urgência de dar um incremento novo às equipas arciprestais, tornando-as capazes de fazer uma boa formação e acompanhar os grupos, se necessário e possível.

1.3. Acção dos sacerdotes

Numa corresponsabilidade de todo o Povo de Deus, os sacerdotes desempenham uma função insubstituível. Nenhuma acção catequética funcionará realmente se o pároco, que é o 'catequista de catequistas', não sintonizar com esse ideal e não acompanhar espiritualmente os seus catequistas. Por isso, o Secretariado deve ter uma atenção privilegiada aos sacerdotes para os aproximar e apaixonar pela catequese, que é o primeiro múnus do seu ser presbítero: profeta, sacerdote e rei(cf. PO. 1; 4-6). Quando o sacerdote reconhece que de si depende um estilo de comunidade em estado de formação, os resultados garantem opções de vida motivadas por uma fé consciente e assumida.

1.4. Caracterização da Formação

A formação que se pretende, partindo da profissão de fé baptismal, deve oferecer uma

exposição orgânica e sistemática dos conteúdos fundamentais da fé e da vida cristã. Deve colocar ao seu alcance uma formação teológica que ajude a consolidar a fé recebida, proporcione certezas básicas dessa fé e os prepare para serem *testemunhas* e transmissores da mesma. A tarefa de comunicar a fé recebida é realizada nas comunidades concretas de cada agente de pastoral, onde, preferencialmente, se deve realizar também a sua formação. Ao fim e ao cabo a formação visa uma *síntese de fé*, não no papel ou simplesmente na cabeça, mas no coração. Trata-se de todos nos deixarmos ser encontrados por Cristo, para sermos verdadeiros discípulos, isto é, aqueles que fazem o caminho com e n'Ele: caminho de conversão e de fé em que a única preocupação seja o cumprimento da Vontade de Deus Pai, que, "quer que todos cheguemos ao conhecimento pleno da verdade" (1Tm 2, 3-4). A Igreja necessita, hoje, de uns catequistas/agentes de pastoral concretos, em função do quadro cultural que vivemos, onde se torna evidente a necessidade de uma nova evangelização. São precisos agentes de pastoral que saibam situar-se no quadro cultural e religioso da evangelização dos já batizados, mas afastados da fé, e daqueles que não conhecem Jesus Cristo, mas estão numa atitude de busca. Deve ter em conta as necessidades evangelizadoras dos dias de hoje, com os seus valores, sombras e perplexidades. Para responder a este desafio são necessários catequistas com uma fé profunda, com uma clara identidade cristã e eclesial, com preocupação missionária e com profunda sensibilidade social e cultural. Simultaneamente exige-se uma linguagem nova que os agentes de pastoral devem ser capazes de estruturar e usar. A dificuldade deste desafio solicita mais concentração e uma coragem de investir em modelos novos. Sem esta actualização, a mensagem não toca os corações e a razão dos homens e das mulheres de hoje. Para isso, a formação deve capacitá-los nos âmbitos da *fé*, na sua comunhão com Jesus Cristo, para saber, depois, serem companheiros de caminho daqueles que a Igreja lhe confiar, num itinerário evangelizador. Num mundo marcado pelo pluralismo de formas de pensar e de viver, onde a uniformidade já não existe, a Igreja precisa de agentes de pastoral firmes nas suas convicções cristãs e que sejam capazes de transmitir essas convicções, para que os destinatários sejam capazes de confessar a sua fé e dar razões da sua esperança, que está fundamentada em convicções sérias provenientes dos valores evangélicos.

1.5. Sem experiência espiritual não há formação

A formação dos catequistas/agentes de pastoral deve ter presente o objectivo de alimentar e robustecer a sua fé, o que supõe uma *qualificação espiritual*. Deste modo, "a verdadeira formação alimenta, sobretudo, a *espiritualidade* do próprio catequista, de maneira que a sua acção nasça, na verdade, do testemunho da sua própria vida"(DGC 239). O facto de o catequista ser um educador na fé implica-o numa intensa vida espiritual, sendo este o aspecto culminante e mais valioso da sua personalidade e, por tanto, a dimensão preferencial da sua formação: "O verdadeiro catequista é o santo"(João Paulo II). O crescimento espiritual do catequista há-de ser conseguido através de uma comunhão de vida e de amor com o Senhor Jesus, que chama e envia cada catequista. "É somente em profunda comunhão com Ele que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese"(CT 9). A formação espiritual desenvolve-se num processo de fidelidade Àquele que é o princípio inspirador da obra catequética e daqueles que a realizam: o Pai, o Filho, e o Espírito Santo.

Por isso, sempre que possível, também se devem proporcionar retiros espirituais, pois "só alimentando a vida interior com uma oração abundante e bem feita, o catequista pode conseguir o grau de maturidade espiritual que a sua missão exige. Como a adesão à mensagem cristã, que em última instância é fruto da graça e da liberdade, e que não depende da habilidade do catequista, é necessário que a sua actividade esteja acompanhada pela oração"(GCM 22).

1.6. Sintonia eclesial

O catequista também, ao sentir-se Igreja, vive na sua comunhão, e por isso cresce na consciência apostólica. Para crescer e desenvolver o seu carisma evangelizador, o catequista "deve conhecer e viver os projectos de evangelização específicos da sua igreja diocesana e da sua paróquia, para estar em sintonia com a consciência que a Igreja particular tem da sua missão. A melhor maneira de alimentar esta consciência apostólica é identificar-se com a figura de Jesus Cristo, mestre e formador dos discípulos, procurando tornar seu o mesmo zelo pelo Reino que Jesus manifestou. A partir do exercício da catequese, a vocação apostólica do

catequista, alimentada por uma formação permanente, irá amadurecendo progressivamente"(DGC 239).

1.7. Dupla exigência: qualificação doutrinal e atenção às ciências sociais

O catequista é uma testemunha da fé, mas é também um mestre, um educador que ensina a fé. Por isso, a *qualificação doutrinal*, ou bíblico-teológica, há-de oferecer-lhe um conhecimento orgânico da mensagem cristã. Esta articula-se em torno do mistério central da fé, que é Jesus Cristo(cf DGC 240). O conteúdo dessa formação está organizado em dois grandes núcleos: a história da salvação e a mensagem cristã.

Em ordem ao exercício da sua missão, o catequista deve conhecer a pessoa a quem se dirige e a realidade em que vive. Por isso, também, deve possuir uma *qualificação nas ciências humanas*. "Na actividade pastoral, conheçam-se e apliquem-se suficientemente, não apenas os princípios teológicos, mas também os dados das ciências profanas, principalmente da psicologia e sociologia, para que assim os fiéis sejam conduzidos a uma vida de fé mais adulta"(GS 62).

1.8. Encarnação de Cristo como modelo

O quadro da antropologia cristã é o Mistério da Encarnação. Na verdade, o mistério do homem somente se esclarece no Mistério de Cristo (cf. GS. 1-3; 22). A formação de catequistas deve primar pelo mistério da pessoa, só deste modo esta poderá abrir-se ao transcendente. Hoje o homem está adormecido em si mesmo. Faz falta ajudá-lo a despertar. E o caminho do despertar é o mistério do amor. De facto, "o homem não pode viver sem o amor. Permanece para si mesmo um ser incompreensível, a sua vida está privada de sentido se não se lhe revela o amor, se não se encontra com o amor, se não o experimenta e o faz seu, se não participa nele vivamente"(RH. 10). Nunca devemos perder de vista que o fim da catequese é possibilitar 'este encontro'. O catequista é aquele que já encontrou (já se deixou encontrar), que já vive no amor, e agora faz tudo para ganhar o outro para Cristo, na mesma medida: o amor.

Na formação dos catequistas deve, pois, procurar-se o conhecimento de alguns elementos fundamentais da psicologia: "os dinamismos psicológicos que movem a pessoa; a estrutura da personalidade; as necessidades e as aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia religiosa e as experiências que abrem a pessoa ao mistério do sagrado"(DGC 242).

Deve também ter-se presente que a cultura envolvente influencia muito a pessoa, pelo que é necessário conhecê-la. Este conhecimento vem através das ciências sociais, pelo que também estas devem ser contempladas num processo formativo. O objectivo desta formação é que os catequistas sejam capazes de programar a sua actividade, a sua intervenção educativa, tornando os destinatários capazes de captarem a presença e a acção de Deus dentro da sua vida e da história da humanidade, assim como ajudando-os a responder positivamente às suas chamadas. Este tipo de conhecimentos favorecerá um testemunho mais vivo e qualificado, capaz de dizer Deus na sua totalidade, sem lacunas, mesmo quando o catequizando não realiza a pergunta explicitamente, tendo latente a sua capacidade de escuta.

Para além destas ciências, os catequistas devem ser introduzidos no conhecimento de alguns princípios de educação e de comunicação, fazendo com que "saibam conciliar os conhecimentos das novas ciências e doutrinas e últimas descobertas com os costumes e doutrina cristã, a fim de que a prática religiosa e a rectidão moral acompanhem neles o conhecimento científico e o progresso técnico e sejam capazes de apreciar e interpretar todas as coisas com autêntico sentido cristão"(GS 62).

1.9. A originalidade da Catequese

Para terminar, referimos que o objectivo da formação de catequistas não é fazer meros 'técnicos de catequese'. Trata-se de transmitir o que se recebeu, de comunicar a outro a sua própria experiência de fé (EN 46), de convidar o outro a conhecer Aquele que nos leva à verdadeira vida, contemplar o rosto misericordioso de Deus Pai fonte de esperança cristã. A *qualificação pedagógica* do catequista deve ter bem presente que tudo vale se facilita o crescimento de uma experiência de fé, da qual ele não é dono, antes colabora com a acção de Deus, que depositou a semente da fé no coração de cada catequizando. Por isso, "o catequista é um educador que deve acompanhar o amadurecimento da fé, que o catecúmeno ou catequizando realizam com a ajuda do Espírito Santo"(DGC 244), pelo que o dever do catequista é unir a dimensão intelectual e espiritual. "Existe um único Mestre, o catequista deve estar consciente de que apenas o Senhor Jesus ensina, enquanto que ele o faz 'na medida em

que é seu porta-voz, permitindo que Cristo ensine pela sua boca"(GCM 23).

Por isso, para além das ciências humanas que oferecem um precioso contributo à catequese, "há também uma pedagogia da fé; e nunca será demais tudo o que se disser sobre o que essa pedagogia pode contribuir para a catequese. É normal que se adaptem à educação da fé as técnicas aperfeiçoadas e comprovadas da educação em geral. No entanto, importa ter em conta, em cada momento, a originalidade própria da fé. Na pedagogia da fé, não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, por mais elevado que se considere; trata-se de comunicar na sua integridade a Revelação de Deus"(CT 58). O próprio Deus, ao longo da história da salvação, usou e deu a conhecer a sua própria pedagogia, que deve ser o modelo para a pedagogia da fé.

Assim, um catequista bem preparado é aquele que possui um estilo próprio de fazer catequese, com metodologias e didáticas de que se serve para comunicar uma mensagem de que é testemunha, sem centrar a sua formação no conhecimento e domínio de uma só metodologia. A variedade e complementaridade de técnicas, instrumentos e métodos constitui uma riqueza cujo valor é incalculável para os fins da catequese.

A formação catequética ajudará, pois, o catequista a "amadurecer a sua capacidade educativa, o que implica: a faculdade de prestar atenção às pessoas, a habilidade para interpretar e responder à pergunta educativa, a iniciativa para pôr em acção processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano até à maturidade"(DGC 244).

Mas, acima de tudo, aquilo que importa mesmo, é que o catequista adquira o seu próprio estilo de fazer catequese, adaptando tudo aquilo que sabe e vai aprendendo sobre a pedagogia catequética ao seu próprio estilo de fazer catequese, à sua personalidade, ao seu modo de transmitir a fé.

2. Itinerários catequéticos

2.1. Crianças e adolescentes

Depois da formação, os *itinerários catequéticos* devem também ser programados no Departamento. Se até há uns tempos havia um único itinerário que respondia a todas as necessidades, que era o de catequizar aqueles que foram baptizados em criança que celebravam os sacramentos de Iniciação cristã até à adolescência, sem terem perdido o contacto com a Comunidade paroquial e a família, de futuro não será tanto assim. Há que pensar em mais itinerários, como é o caso daqueles que romperam com a fé, depois da Primeira Comunhão, e que querem terminar a Iniciação cristã, sendo necessário um novo começar. E deve também prever-se a possibilidade de alguém que não foi baptizado em criança o pretender ser, seja em que idade for.

Também as crianças e os adolescentes podem exigir este cuidado particular. Trata-se de responder a situações variadas de locais, de número da catequizandos e de questões de determinadas deficiências.

2.2. Jovens e adultos

Como caminhada de iniciação, a catequese e a consequente formação de agentes/catequistas deve situar-se no específico da idade. Ninguém se deve marginalizar e a comunidade deve ter capacidade de resposta com espaços, metodologias próprias conforme as situações e a idade dos destinatários.

Aqui referimos os jovens e os adultos como novo desafio à vida da comunidade. Para possuírem uma capacidade de adesão permanente a Cristo necessitam de um acompanhamento catequético específico. Nestas idades, dentro de um caminho normal de iniciação, encontramos jovens e adultos que já se integram na comunidade através de movimentos ou serviços. Todavia também os jovens e adultos precisam de uma formação na fé, mais profunda e adequada, correspondente à sua idade, aos seus problemas, às suas interrogações e aos seus projectos. Trata-se duma novidade pastoral que as comunidades devem reconhecer, aceitando a catequese de jovens e adultos como indispensável. Impõe-se, ainda, que toda a comunidade assimile este processo de formação. Deve, por isso, o Departamento ter a possibilidade de realizar subsídios que a promovam e torne uma realidade nas diversas comunidades. Trata-se de uma formação permanente e aberta a todos, que implica toda a comunidade eclesial, e pode realizar-se de diversas formas conforme são sugeridas no documento *Formação permanente de sacerdotes e leigos*.

3. Lugares

Acerca dos *lugares* de educação da fé, o Departamento deveria tentar uma unidade entre todos os lugares onde se educa a fé, dando-lhe um claro acento de 'diocesaneidade', na complementaridade entre paróquia, arciprestados, escolas e Movimentos. Aqui está a grande riqueza do Secretariado Diocesano de Educação Cristã integrar a Catequese, nas diversas idades, a EMRC, as Escolas Católicas e a Pastoral Juvenil. Todos deveríamos ter os olhos sempre postos no fim último, a razão de ser dos Departamentos ou serviços diocesanos: Fazer crentes, fazer discípulos (Cf. Mt. 28, 19- 20). Aliás, fim último da Igreja.

4. Vocação como suporte

Por último, no âmbito formativo inicial, a catequese que temos de realizar é a *catequese de iniciação cristã*, para a qual se há-de formar catequistas "que sejam capazes de transmitir, não apenas um ensino, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo 'tarefas de iniciação, de educação e de ensino' (...) São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas"(DGC 237).

A catequese específica que o catequista há-de realizar é a de uma autêntica iniciação ordenada e sistemática da revelação de divina que Deus realizou ao homem, em Jesus Cristo, conservada na Igreja e nas Sagradas Escrituras. Esta revelação é anunciada de geração em geração através de uma *traditio* viva, da qual o catequista é parte integrante(cf DGC 66). A catequese de iniciação, dentro do processo evangelizador, é o momento em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, num esforço de fundamentação dessa primeira adesão(DGC 63). Esta é a prioridade das prioridades: a Iniciação cristã. Todos os esforços devem ser conjugados para este objectivo. Não pode haver pastoral, propriamente dita, se não se tem fé. É que uma casa não se constrói desde o telhado. A catequese é a construção do edifício da fé, bela imagem sugerida por São Pedro na sua primeira carta. A base, pois, deste edifício, os pilares, digamos assim, são os sacramentos do Baptismo, da Confirmação e da Eucaristia. Se não há uma catequese de iniciação, que coloque os alicerces da fé, não haverá edifício de fé. Ou então continuaremos a ter edifícios incompletos, com as consequências previsíveis: ninguém dá aquilo que não tem. Uma Igreja que não gera filhos está destinada ao fracasso. Pela Iniciação cristã a Igreja gera filhos no Filho, e por isso, gera-se a ela mesma.

Ser Filho significa olhar a santidade como caminho obrigatório e situar-se numa vocação concreta que urge descobrir com a oração e a ajuda de subsídios. Catequizar, iniciando na fé, é sinónimo de suscitar atitudes de resposta ao chamamento e discernir o caminho concreto de Santificação. O chamamento é único; as respostas variadas na vivência das diferentes vocações de consagração, que devem, inequivocamente, ser propostas nos momentos em que a caminhada catequética o sugere.

Pode parecer difícil a articulação do Departamento Arquidiocesano da Catequese com a pastoral vocacional. Na verdade, esta deve marcar toda a acção e ministério eclesial. Mas na lógica da pedagogia divina, tudo se inicia pela Palavra que conhecemos em Cristo, e os diversos lugares da catequese são o espaço favorável para o anúncio e proposta.

5. Conclusão

Por tudo o exposto, dizemos que o Secretariado Diocesano da Educação Cristã deve protagonizar esta prioridade da pastoral diocesana através de diferentes Departamentos que o integram e auxiliam. Um conduz ao outro e todos se ajudam na experiência da fé.

Importa, particularmente, sublinhar a permanência da mesma atitude catequética que acompanha crianças, adolescentes, jovens e adultos. Se o Departamento se deve, prioritariamente, ocupar com a formação de agentes de pastoral é nesta área que tudo acontecerá. Por outro lado, não se trata de campos distintos com barreiras inultrapassáveis. Importa, sobretudo, reconhecer que este mesmo itinerário deverá envolver todos os movimentos e serviços paroquiais, que se enriquecem com este proceder.

Neste âmbito, a Pastoral Vocacional surge como condicionante de todas as iniciativas e actividades. Acompanha-as e dá-lhes sentido e finalidade. Trata-se do verdadeiro critério aferidor da validade das acções e da qualidade dos conteúdos.

Espera-se que esta envolvimento de todos os Departamentos, com referência especial à juventude, na responsabilidade formativa, suscite a consciência de vida cristã como vocação a partir da qual surgem as vocações de especial consagração.

Braga, 18 de Julho de 2003
+ Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz